



Quando se fizer a história desapaixonada da investigação científica em Portugal nas últimas dezenas de anos reconhecer-se-á, sem esforço, que uma das medidas que mais poderia ter contribuído para modificar o nosso panorama cultural foi o da criação da Junta de Educação Nacional, hoje Instituto para a Alta Cultura. Simplesmente, o objectivo final para que essa instituição tinha sido criada em grande parte falhou porque houve uma lamentável curteza de vistas da parte dos nossos governantes. Com efeito, desde os primeiros anos de funcionamento da Junta que (...) o seu primeiro secretário, o saudoso Luís Simões Raposo, acentuou que era necessário, para que a obra tivesse proveito, que uma vez regressados os bolseiros ao país, tendo provado lá fora que queriam e sabiam trabalhar, se lhes facultasse os meios necessários para poderem prosseguir nas suas investigações, dando assim ao país o rendimento do dinheiro gasto no estrangeiro. (...) Ora, foi este aspecto — aliás fundamental — do problema que os sucessivos ministros da Educação Nacional se revelaram incapazes de resolver»